



DA MEDALHA AO PÓDIO DA VIDA: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE E REPRESENTATIVIDADE DA MULHER NEGRA NO ESPORTE

FROM THE MEDAL TO THE PODIUM OF LIFE: THE CONSTRUCTION OF THE IDENTITY AND REPRESENTATIVENESS OF BLACK WOMAN IN SPORT

 <https://orcid.org/0000-0003-0434-2553> Catarina Messias Alves^A

 <https://orcid.org/0000-0003-4631-1245> Vânia de Fátima Matias de Souza^B

^A Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá, PR, Brasil

^B Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá, PR, Brasil

Recebido em: 01 mar. 2023 | **Aceito em:** 04 jan. 2024

Correspondência: Catarina Messias Alves (catarina06alves@gmail.com)

Resumo

A representatividade da mulher negra, na sociedade brasileira, reverbera o (re)conhecimento do seu “eu” para além dos estereótipos impostos, expressos pelo processo de constituição da identidade negra, estabelecida por meios dos constructos sociais tecidos pelas lutas, conquistas e movimentos coletivos estabelecidos pela valoração da igualdade das relações sociais étnico raciais. No entrelace das relações étnico-raciais e o papel da mulher negra nessa sociedade, objetivou-se analisar as possibilidades de práticas pedagógicas antirracistas, por meio de produções cinematográficas as quais viabilizam situações para o (re)pensar da formação humana. Adotou-se como fonte primária o filme “King Richard: Criando Campeãs” com foco no trato pedagógico para implementação da Lei n. 10.639/2003 na educação básica em relação à representatividade da mulher negra no esporte. Amparada nos pressupostos metodológicos da pesquisa qualitativa, com base na análise de conteúdo, foram elegidas as categorias hegemonia e contradição, elencadas a partir de suas relações com as subcategorias “identidade negra”, “mulher negra no esporte” e “reconhecimento social da mulher negra”. A fotografia apresentada no filme, indicam narrativas que possibilitam, por meio de debates reflexivos, o repensar da formação humana, caminhos didático-pedagógicos para a reconstrução dos imaginários sociais, saberes e conhecimentos antirracistas e valorização da mulher negra no ambiente esportivo e fora dele.

Palavras-chave: mulher negra; identidade negra; imaginário social; Lei 10.639; prática pedagógica.

Abstract

The representation of the black woman, in brazilian society, reverberates the (re)cognition of their "self" beyond the imposed stereotypes, expressed by the process of constitution of black identity, established through social constructs woven by struggles, achievements and collective movements established by the valuation of the equality of ethnic-racial social relations. In the intertwining of ethnic-racial relations and the role of black women in this society, the objective was to analyze the possibilities of anti-racist pedagogical practices, through cinematographic productions which enable situations for (re)thinking human formation. The film “King Richard” was adopted as a primary source, focusing on the pedagogical approach to implementing Law no. 10.639/2003 in basic education in relation



2024. Alves; de Souza. Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição Não Comercial-Compartilha Igual (CC BY-NC- 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução para fins não comerciais, com a citação dos autores e da fonte original e sob a mesma licença.

to the representation of black women in sport. Supported by the methodological assumptions of qualitative research, based on content analysis, the categories hegemony and contradiction were chosen, listed based on their relationships with the subcategories “black identity”, “black woman in sport” and “social recognition of black women”. The photography presented in the film indicates narratives that enable, through reflective debates, the rethinking of human formation, didactic-pedagogical paths for the reconstruction of social imaginaries, anti-racist knowledge and appreciation of black women in the sporting environment and beyond.

Keywords: black woman; black identity; social imaginary; law 10.639; pedagogical practice.

Introdução

Este artigo constitui-se a partir da seguinte inquietação: como trazer à cena os diálogos acerca da representatividade da mulher negra no esporte? Como abordar as especificidades da Lei n. 10.639 (Brasil, 2003) de maneira didática e pedagógica tendo como intencionalidade mobilizar o imaginário social e as representatividades da mulher negra na sociedade?

Para viabilizar tais reflexões, tratar da legitimidade da Lei n. 10.639/2003 tendo como foco da ação pedagógica, o diálogo efetivado por meio da prática vivenciada e experienciada no contexto escolar, tem-se na contemporaneidade a possibilidade da utilização dos recursos cinematográficos, que por meio das histórias, estórias, depoimentos, autobiografias e realidades diversas oportuniza o diálogo concreto entre o visível e o invisibilizado pela sociedade. Frente ao exposto, a pesquisa realizada desenhou-se tendo como objetivo, analisar a representatividade da mulher negra no esporte por meio do filme “King Richard: Criando Campeãs” como possibilidade pedagógica para implementação da Lei n. 10.639 nas aulas da educação básica.

As questões étnico raciais no pertencimento dos ambientes educacionais e nos documentos norteadores, tais como, Diretrizes Curriculares Nacionais, no caso específico da pesquisa, dos Cursos de Graduação em Educação Física (Brasil, 2018) Diretrizes para a formação inicial em nível superior (Brasil, 2015; Brasil 2019), abordam a diversidade étnico racial, ao mencionar que a educação deve respeitar a diversidade e refletir uma sociedade justa e promover a equidade.

Segundo Alves et al. (2022) evidencia-se por meio dos documentos norteadores fragilidades que possibilitam a reprodução das desigualdades sociais e raciais na formação inicial, podendo influenciar a atuação deste professor na escola. Com o intuito de assegurar uma melhor formação, de modo a retirar da invisibilidade as discussões das relações étnico

raciais no ano de 2003, aprovou-se a Lei n. 10.639 (Brasil, 2003) que passa a estabelecer a obrigatoriedade do ensino sobre história e cultura afro-brasileira.

A menção à legislação emerge como resposta ao posto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Brasil, 1996) por meio do artigo 26-A. Um marco significativo para o movimento negro e seus processos históricos de invisibilidade. A inserção da pauta da população negra em instituições educacionais, por meio da legalidade, faz com que um conflito social seja amenizado e grupos étnicos divergentes contenham, temporariamente, seus embates.

O (re)pensar das práticas pedagógicas sistematizadas neste artigo ampara-se nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (DCNERER) (Brasil, 2004) que destaca a necessidade de ações que promovam o reconhecimento e valorização da diversidade “a fim de superar a desigualdade étnico-racial presente na educação brasileira, nos diferentes níveis de ensino” (Brasil, 2004, p. 3)

Na primeira seção, dialoga-se acerca da representação da mulher negra na sociedade com seus ensejos para constituição do imaginário. A segunda apresenta os caminhos metodológicos adotados para análise do material cinematográfico. A terceira, sugere-se reflexões acerca das práticas para uma educação antirracista. Por fim, na quarta seção indica-se atividades para legitimação da Lei n. 10.636/2003 (Brasil, 2003) na educação básica. Nas considerações finais, sintetiza-se como a utilização de materiais cinematográficos auxiliam as práticas pedagógicas para a abordagem das temáticas de identidade, representatividade e retratação histórica da população negra.

Lugares e ocupações: a mulher negra na sociedade

O jogo, o esporte, a competição, a equipe, traduzem a expressividade de uma sociedade marcada por contextos socioeconômicos e culturais que ora aligeiram o pensar sobre o humano, ora fortalecem as relações, as aproximações e os processos de civilidade dos sujeitos. Nesse movimento, de imensa tensão entre o ser e estar em uma sociedade cujo pertencimento decorre das relações liquefeitas e transitórias, pensar as relações étnico raciais implica repensar os conceitos de sociedade, de relação e interrelação estabelecidas nos compassos de ser e fazer-se enquanto ser social.

Dos entraves e movimentos para conquistar lugares de pertencimento e ocupação no mundo dos esportes, assim como na sociedade, a figura da mulher tem se evidenciado como um lugar de luta constante. Ser uma mulher negra na sociedade brasileira, de acordo com Carneiro (2003) compreende, historicamente, trazer à cena a figura de um “ser social” secularmente identificado como mercadoria no imaginário social, tornando o mito da fragilidade inexistente a essa mulher.

Em decorrência dos alicerces da sociedade brasileira a figura do feminino, expresso na mulher negra, vinculou-se à retomada dos lugares de pertencimento subjugados e acometidos por uma sociedade patriarcalista, algemada em um deturpado movimento civilizatório traçado pela maldade humana, que carrega em seu curso histórico a constituição imagética da mulher negra, escravizada em diferentes lugares e contextos, nas lavouras, nas ruas, nas casas dos patrões em diferentes lugares que exacerba a invisibilidade e os estereótipos a população negra, em específico a mulher.

A mulher negra nas relações sociais (im)postas constitui sua identidade no lócus de objeto, resultante do racismo interseccionado às relações de poder e gênero, que estabelecem a hierarquia social. No entanto, os estigmas que circundam a trajetória dessas mulheres dialogam com a (re)existência, persistência e resistência contra as desigualdades geradas e reproduzidas pela hegemonia masculina (Pacheco, 2013).

Tendo como foco a centralidade da identidade negra a partir do prisma advindo dos estudos relacionados ao papel da mulher ocupado na história do esporte, a mulher negra caracteriza a análise global do objeto deste estudo. Atribuir à mulher negra a visibilidade em uma sociedade que repreende a diversidade, expressa o descortinar de todos estigmas e preconceitos que a constituem enquanto ser social. Segundo Couto (2008, p.62):

só nós vemos a flor, em si mesma. Mas essa é uma visão ilusória: a flor é a planta toda inteira. A flor existe na fragilidade do caule, estende-se pelas profundezas da raiz; a flor é a terra em redor, é a água que ascende em seiva.

Resistir e ressignificar simbolizam a representação da mulher e sua construção identitária na/da sociedade. Uma figura social que não se finda no sentido maternal, se estende na resistência para com a estruturação social que expressa seus preceitos e preconceitos vividos e configurados junto aos diferentes grupos que a compõem.

A reação das tensões e dos combates à opressão imposta, fez-se compreender as características da sociedade brasileira. Segundo Almeida (2019) o Estado brasileiro constitui-se em instituições que regulam os sistemas sociais e conflitos emergentes na vida em

sociedade. Estabelecem normas e padrões expressados em leis que orientam os indivíduos, de modo a controlar seus comportamentos e ações.

As relações de poder evidenciam a hegemonia dos dominantes nas áreas políticas, econômicas e sociais. Na conjuntura brasileira, os grupos raciais hegemônicos se enraizaram por meio do racismo institucional, impondo suas regras, padrões estéticos, de conduta e cultural, de modo a uniformizar os seres sociais e as instituições. Com isso, a população negra encontrou, nos processos históricos, distanciamentos para a ascensão na sociedade e pertencimento às instituições, tornando inexistente a visibilidade em espaços que promovam a discussão acerca da desigualdade racial e de gênero (Almeida, 2019).

Dos espaços institucionalizados, destacam-se a escola e as universidades, que se organizam por meio de sistemas educacionais amparados em legislações elaboradas pelo grupo racial hegemônico e instituições nacionais e internacionais que priorizam os interesses mercantilistas. O ambiente escolar compõe-se de diferentes grupos étnicos e reproduções das ações sociais dentre as quais desigualdades, e as universidades enquanto ambiente formativo e de relações humanas e acadêmicas podem auxiliar na formação inicial para melhor capacitação dos professores, de modo a desconstruir os parâmetros discriminatórios presentes nas ações e normas escolares.

A Lei n. 10.639 (Brasil, 2003), não garante a legitimidade da inserção dos conteúdos que abordam a história e cultura afro-brasileira e africana no processo de formação básica e inicial. Fato este observado nos estereótipos dos materiais didáticos disponibilizados para intervenção escolar. Os processos marcados pelas disputas do monopólio do poder social entre estado, governo e sociedade civil, evidenciaram o descompasso entre as expectativas e necessidades sociais de sua implementação. Como consequente, a efetividade da lei distancia-se do legal ao legítimo, acenando à uma fragilidade dos processos formativos, ao desvelar a carência de saberes e conhecimentos acerca da referida temática, durante e no processo formativo. Este fato, evidencia-se de acordo com os estudos de Felipe (2020) e Fernandes et al. (2020), em decorrência da argumentação da falta de capacitação e possibilidades pedagógicas para a efetivação da lei no ambiente escolar.

Metodologia

A pesquisa se caracteriza como qualitativa, do tipo análise de conteúdo, que de acordo com Richardson (1985) constitui técnicas de análises de comunicações visando objetivos de

descrição do conteúdo das interações entre os indivíduos, de modo a compreender o pensamento, ações e a história.

Utilizou-se como fonte primária de análise o filme “King Richard: Criando Campeões”. A escolha decorreu das seis indicações no ano de 2022 à premiação cinematográfica de maior alcance mundial, intitulada como *The Academy Awards*, igualmente conhecido como Oscar.

Como categorias de análises, adotou-se a hegemonia e contradição, elencadas a partir de suas relações com as subcategorias “identidade negra”, “mulher negra no esporte” e “reconhecimento social da mulher negra”.

A inclusão do filme, deu-se também das discussões acerca da visibilidade da mulher negra, distanciado dos estereótipos sociais que assola a identidade da mulher e sua inserção no esporte, tênis, que durante um período foi considerado um esporte de difícil acesso à população negra, contribuíram para escolha do filme a ser analisado. Essa visibilidade positiva, insere a mulher negra em lugares de pertencimento, empoderamento e resistência por meio da prática esportiva.

O filme analisado tem duração 145 minutos, dirigido por Reinaldo Marcus Green, com roteiro de Zach Baylin, e com elenco de Will Smith, Aunjanue Ellis e Saninyya Sidney. Sua composição cinematográfica discorre acerca das vivências de uma família negra, que se constitui em um pai e uma mãe que tiveram cinco filhas, dentre as filhas Venus Williams e Serena Williams.

As irmãs Williams, como são conhecidas mundialmente no cenário do esporte tênis, de acordo com o livro “Venus and Serena Williams: A biography” (EDMONDSON, 2005) conquistaram diversos recordes, dentre eles foram a primeira dupla a alcançar quatro duplas consecutivas na competição *Grand Slam*. Venus Williams foi a primeira mulher afro-americana a deter o número 1 da WTA, *Women's Tennis Association*, fortalecendo a visibilidade positiva que estimulou a constituição da identidade negra para além dos estigmas sociais.

Caminhos pedagógicos para uma educação antirracista: tecendo diálogos cinematográficos

As demandas sociais que tangenciam a educação básica e suas possibilidades pedagógicas para a legitimação da Lei n. 10.639/2003, traz à cena os processos formativos para os futuros professores da educação básica. As estratégias pedagógicas adotadas para

espaços institucionalizados, escolas e universidades, vestem-se de concepções estruturantes que privilegiam condicionantes colonizadores do saber, desta forma conforme discorre a relatora da Lei n. 10.639/2003 e das DCNERER “o que precisa ser mudada não é a imagem dos negros, mas a imagem negativa que a sociedade criou e fomenta como se fosse própria deles” (Silva, 2012), para práticas que rompam com estes estruturantes evoca-se a ação formativa antirracista (Brasil, 2003, 2004).

Troyna e Carrington (1990) referem-se à formação antirracista como diferentes estratégias organizacionais, incluindo aspectos curriculares e pedagógicos com intuito de promover uma igualdade racial, de modo a eliminar formas de discriminação e opressão, nas esferas individuais e institucionais. Essas modificações envolvem também os processos avaliativos dos currículos ocultos e/ou currículos formais.

A partir desta formação, a representação das relações étnico raciais será assimilada com maior facilidade nas instituições de ensino por meio de seus docentes. Ressalta-se que este processo de percepção se faz de maneira contínua, uma vez que as relações humanas se reconfiguram diante as novas expressividades sociais vivenciados no cotidiano. O compromisso pedagógico social, de acordo com Gomes (2002) precisa ser direcionado à superação do racismo interseccionado pelas imposições culturais estabelecidas pelas relações de poder, uma vez que neste processo constitui-se a percepção do ser acrescido de seus valores e imaginários, Quijano (1992) corrobora às reflexões de que a colonialidade impõe o epistemicídio, de modo a reverberar-se nos aspectos culturais a dominação acerca do saber e ser.

A (des)construção dos espaços educativos como reprodutores dos imaginários sociais que reproduzem as desigualdades transfere para o processo de formação inicial a responsabilidade da legitimação das normativas, para que os saberes e conhecimentos sejam construídos de maneira participativa, a se considerar a realidade dos sujeitos. A utilização das narrativas do filme como proposta pedagógica para auxiliar a práxis, inicialmente pode ser apresentada como aproximação à realidade social a qual os estudantes tiveram contato, ainda que por meio das mídias sociais. Possibilitando iniciar com um diálogo acerca da percepção do “eu” nas relações estabelecidas com os demais, reiterando o apresentado na Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2017).

Nas interlocuções com o “eu” evidencia-se que, o processo de formação básica e formação inicial estruturam-se na centralidade para constituição da identidade profissional e

identidade racial, ressalta-se que este artigo enfoca para constituição da identidade negra, segundo Gomes (2002) a identidade negra se constitui a partir da percepção dos sujeitos pertencentes ao mesmo grupo étnico racial sobre si mesmos e sua relação com o outro. Em meio às relações sociais no processo da constituição identitária da população negra emerge-se os conflitos e diálogos presentes no cotidiano, com isso visibiliza-se também as reproduções pré conceituadas que na sociedade se enraizaram. A constituição da identidade negra no esporte simboliza a visibilidade da mulher negra enquanto ser social para além dos estereótipos.

Nas conjunturas da constituição da identidade racial, o fazer-se professor constitui-se por meio da ação integrante dos elementos marcantes da vida do sujeito, juntamente aos determinantes das relações sociais (Flores, 2018). Segundo Pimenta e Anastasiou (2008) a constituição da identidade docente baseia-se na percepção de mundo e nas representações dos saberes, a visada formação humanizada proporciona ao ambiente formativo pautar temáticas acerca da diversidade e direitos humanos, qual o respeito à diferença seja prelevado. Figueiredo (2010) discorre que ao estimular os estudantes, na formação básica e/ou inicial, a experimentar saberes formativos diversificados, torna-se possível auxiliar nas ressignificações identitárias do sujeito, de modo a transgredir as estagnações do trabalho pedagógico.

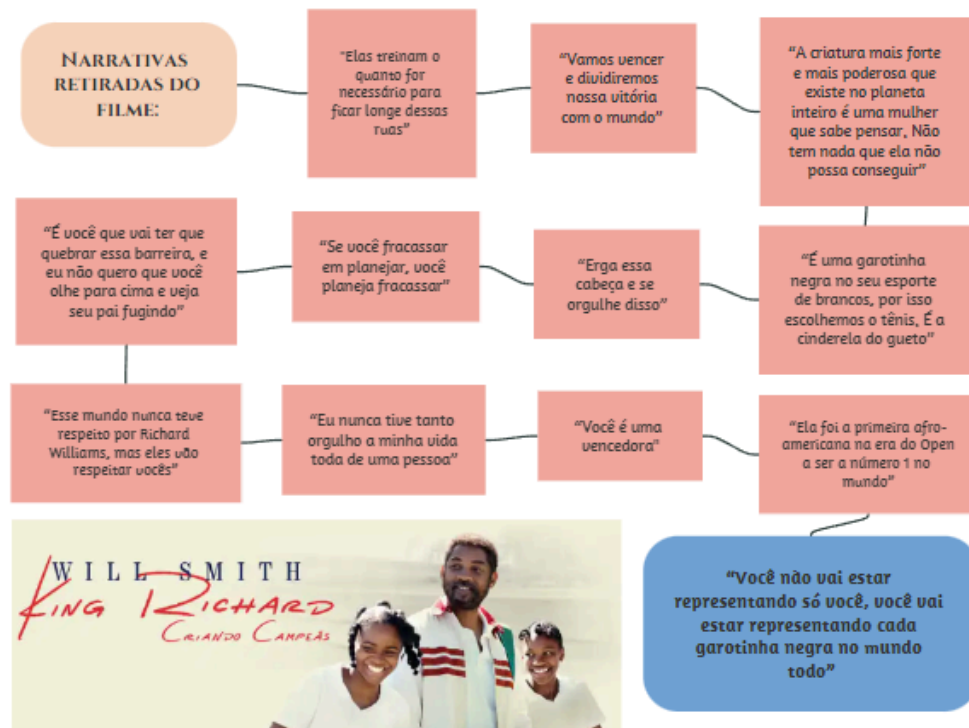
Nos acenos de práticas pedagógicas inclusivas, a utilização de materiais cinematográficos na aula propicia estimular reflexões por meio de narrativas e elementos não verbais, e amparados pela mediação instrumentalizam-se enquanto ação libertadora para os estudantes (Mota e Fusaro, 2014). O filme, por meio de seus elementos artísticos suscita a aproximação à realidades outras, conforme Duarte (2009) discorre

O consumo mais ou menos regular de filmes por parte de alunos e professores e a existência de aparatos técnicos para exibí-los não determinam o modo como eles são utilizados. Embora valorizado, o cinema ainda não é visto pelos meios educacionais como fonte de conhecimento. Sabemos que arte é conhecimento, mas temos dificuldade em reconhecer o cinema como arte (com uma produção de qualidade variável; como todas as demais formas de arte), pois estamos impregnados da ideia de que cinema é diversão e entretenimento, principalmente se comparado a “artes mais nobres”. Imersos numa cultura que vê a produção audiovisual como espetáculo de diversão, a maioria de nós, professores, faz uso dos filmes apenas como recurso didático de segunda ordem, ou seja, para “ilustrar”, de forma lúdica e atraente, o saber que acreditamos estar contido em fontes mais confiáveis.

Nas aproximações ao filme “King Richard: Criando Campeões” elegeu-se narrativas que ao longo do filme apresentaram-se pertinentes para reflexões acerca do empoderamento feminino, a presença da mulher negra no esporte, o pertencimento a lugares que

historicamente criminalizavam e impediam o acesso à população negra. As narrativas mencionadas no Diagrama 1, integram os pilares para estruturação das práticas pedagógicas juntamente ao diálogo às relações étnico raciais e o processo de constituição da identidade negra, sua inserção na educação básica pode ocorrer por meio de diferentes disciplinas.

Diagrama 1 – Narrativas retiradas de cenas do filme “King Richard: Criando Campeãs”.



Fonte: Elaborado pela autora (2023)

O reconhecimento da mulher negra na sociedade, dando visibilidade à mulher negra principalmente no que cenário esportivo e social, para além dos conteúdos curriculares, que condicionam a identidade negra e mulher negra à estereótipos, o filme “King Richard: Criando Campeãs” apresenta possibilidades de diálogos acerca da identidade negra e suas representações na sociedade.

Corroborando com os subcritos no filme atrelados à constituição identitária da mulher negra e sua representatividade nos esportes, pode-se recorrer aos achados de Carneiro (2019) ao destacar o fato de que a existência da mulher negra na sociedade brasileira retrata responsabilidades sociais, que a relacionam à participação nos movimentos negros, de modo a transpor a sua militância bandeiras históricas para construção de uma sociedade mais igualitária, justa e que respeita a diversidade étnico racial.

Com esta perspectiva, combater a hegemonia (im)posta significa compreender o lugar de pertencimento, qual se insere a mulher negra, permitindo-nos por meio da narrativa retirada do filme entender que quando uma mulher negra conquista um lugar de visibilidade, traz consigo todas as outras mulheres que permanecem condicionadas as reproduções das desigualdades e estigmas.

Seguido de atividades que auxiliem no processo de ensino aprendizagem a elaboração de soluções para as problemáticas da sociedade, de modo a evidenciar as normas e padronizações feitas as mulheres não brancas que se inserem no contexto esportivo, seja para lazer ou alto rendimento. Conforme exibido no filme, a representatividade das tenistas Serena Williams e Venus Williams no esporte de alto rendimento não as retiram das vivências do racismo, porém sua visibilidade estimula outras mulheres não brancas a romper com a imposição de lugares subjugados.

Os subjugamentos evidenciam-se nas pesquisas acerca da presença da mulher negra no esporte, Costa; Sousa (2019) analisaram a publicação de uma charge em que retratam a tenista Serena Williams de maneira ironizada e pejorativa, de acordo com as autoras os estereótipos disseminados pela mídia destaca dois marcadores “mulher” e “negra” que da forma qual apresentou-se hostilizou a atleta por apresentar atitudes mais firmes em quadra, retirando dessa narrativa qualquer possibilidade de expressão corporal.

Segundo Khan (2010) a (re)existência da mulher negra no tênis relaciona-se aos aspectos políticos, que podem exercer influência direta para participação ou não participação das mulheres negras no esporte. Reitera que no contexto da África do Sul na era do apartheid as mulheres negras encontraram objeção à participação no tênis em ações governamentais, porém suas famílias apoiavam e incentivavam a prática esportiva. Como uma estratégia política, a obstrução da presença da mulher não branca nos espaços esportivos influenciou inicialmente a permanência das mulheres negras no esporte. No entanto, a resistência à presença negra à prática esperançou as praticantes de fazerem grandes feitos no futuro como Serena Williams.

De modo a reconectar com o contexto pedagógico, as pesquisas mencionadas e as representações da tenista Serena Williams demonstram como a identidade negra necessita de diálogo para que a (des)construção no ambiente escolar seja estabelecida, uma vez que reproduz as desigualdades instauradas na sociedade por meio da hegemonia. Os caminhos para que ações pedagógicas sejam realizadas são diversos, assim como corpo estudantil e

docente. O trato pedagógico, tendo como cerne o respeito às diversas, deve prevalecer o ensino pela diversidade, para que as identidades floresçam e os sujeitos possam ser quem são sem medo (re)existir.

“Ser a número 1 é ótimo, mas lutar pela geração futura é ainda melhor”: a prática pedagógica como alicerce da mudança

As propositivas de práticas pedagógicas para abordar a representatividade da mulher negra no esporte por meio do filme “King Richard: Criando Campeãs” como possibilidade pedagógica para implementação da Lei n. 10.639/2003 nas aulas da educação básica, distanciam-se de enrijecer e/ou arredar do docente a autonomia para elaboração de outras atividades. Afinal, planejar significa estruturar uma fonte dialógica dos saberes e conhecimentos para com o outro num espaço educativo no qual os objetivos, os caminhos e escolhas carecem ter sentidos e significados para todos os envolvidos.

A estruturação de encontros pedagógicos para a educação básica tendo como ponto congruentes o “querer” e o “fazer” pedagógico por meio de materiais pedagógicos cinematográficos, com referenciais e discussões subscritas a partir de movimentos autobiográficos suscitam o esperar para consolidar por meio do currículo oculto os saberes necessários para a transformação de uma educação reprodutivista em uma ação ressignificada para a mudança do imaginário social.

Partindo da dialética reflexiva, as propositivas metodológicas sustentam-se a partir de uma estruturação marcada por três encontros, subdivididos em atividades propostas.

“Se você fracassar em planejar, você planeja fracassar”: encontro 1

Aconselha ao professor, estabelecer um momento inicial para o diálogo, tendo como uma propositiva a roda de conversa, nesta ação pedagógica objetiva-se identificar quais os elementos visuais, verbais e não verbais destacaram-se na percepção dos estudantes, e como relacionam-se com as disciplinas que estruturam a grade curricular. A centralidade pedagógica desse momento, reside em tornar latente junto aos estudantes o partilhar de suas percepções. Recomenda-se, que nessa ação o professor use como recurso didático o uso da nuvem de palavras, tornando possível sintetizar as ideias, ensejos, desejos, curiosidades e conhecimentos dos estudantes sobre a temática. Nesta ação a sensibilidade pedagógica se fará presente, uma vez que o filme, pode aguçar sensações e percepções diferenciadas em cada

estudantes, afinal, as realidades, a diversidade cultural e as vivências do cotidiano devem ser a tônica das representações sociais e do imaginário trazido pelo filme.

“Vamos vencer e dividiremos nossa vitória com o mundo”: encontro 2

No fio tecido das discussões, iniciadas a partir do filme, sugere-se que a atividade 2, traga como tônica da discussão mencionada no filme “vamos vencer e dividiremos nossa vitória com o mundo” e “a criatura mais forte e mais poderosa que existe no planeta inteiro é uma mulher que sabe pensar. Não tem nada que ela não possa conseguir” (King Richard, 2021). A ação pedagógica descrita, como momento de debates, terá como foco proporcionar junto aos estudantes, dialogar entre si acerca das personalidades esportivas femininas do alto rendimento, para que se reflita acerca da representatividade.

Os encontros 1 e 2 suscitaram o refletir acerca do que é novo, do inusitado. No entanto, a questão é: o que realmente é inovador em uma sociedade? Será que a discussão acerca das discussões antirracistas, do empoderamento e representatividade são cenários recentes a serem trazidos à tona na/pela sociedade? Essa reflexão deve ser iniciada junto aos estudantes de forma a promover interlocuções no campo da história da sociedade e dos imaginários sociais construídos e desconstruídos. Em uma entrevista concedida pela tenista Serena Williams relatou-se que sua inspiração deu-se pela representatividade e identidade da velocista Florence Griffith-Joyner, que nos anos de 1988, nas Olimpíadas destacou-se pela performance esportiva e fashion nas pistas de atletismo.

“Erga essa cabeça e se orgulhe disso”: encontro 3

Ao refletir-se acerca do pioneirismo de mulheres negras no esporte e os desdobramentos para/da representatividade, sugere-se que o encontro 3 traga como tônica a realidade em que os estudantes estão inseridos, e quais os constructos do imaginário social do seu bairro para constituir-se às identidades raciais, de modo a reverberar em suas narrativas o pertencimento social. A centralidade da ação pedagógica neste terceiro momento, visa enaltecer as narrativas populares, em que a comunidade local tenha visibilidade e reconhecimento, a partir das vozes trazidas pelos estudantes.

Ao partilhar-se as narrativas, sugere-se que a mediação docente conduza os estudantes a (re)conhecer os sujeitos mencionados, para que suscite a aproximação das práticas pedagógicas com a comunidade. Oliveira (2022) a partir dos ensinamentos de Hooks tece que

a educação em comunidade faz flores a pedagogia da esperança, de modo a (trans)formar e ressignificar o pertencimento e fortalecimento da identidade negra.

“Você não vai estar representando só você, você vai estar representando cada garotinha negra no mundo todo”

Quadro 1 – Caminhos pedagógicos.

Encontro 1	Conteúdo Pedagógico
Sensibilidade ao filme	Incentivar aos estudantes a partilharem suas expectativas ao filme, quais os acontecimentos chamaram atenção e como foi a experiência de assistir um filme em que as protagonistas são mulheres negras no esporte de alto rendimento.
Encontro 2	Conteúdo Pedagógico
Representatividade	Em roda, inicia-se indagando aos estudantes quais atletas femininas eles conhecem? Conforme forem respondendo, anotar no quadro para que torne perceptível o quantitativo, quais os nomes e modalidades. Posteriormente indagar aos estudantes se antes da exibição do filme, já haviam tomado conhecimento da trajetória esportiva de Venus Williams e/ou Serena Williams? Finalizar esta segunda atividade apresentando aos estudantes, caso não tenham mencionado, as atletas Florence Griffith-Joyner e Coco Gauff.
Encontro 3	Conteúdo Pedagógico
O imaginário a partir das narrativas	Em uma roda de encerramento da vivência cinematográfica, os estudantes poderão partilhar as narrativas populares, que foram suscitadas a buscar para compreender como sua realidade social se constitui, juntamente ao seu imaginário.

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

A partir das perspectivas pedagógicas apresentadas, suscitou-se reflexões acerca da conscientização das áreas pedagógicas, com enfoque para Linguagens e suas Tecnologias, na tratativa não tradicional dos conteúdos programáticos. Conforme mencionado DCNERER, a autonomia docente carece despir-se das ausências de práticas inclusivas, que permitam o debate acerca da história e cultura afro-brasileira e africana no ambiente escolar.

Conclusão

A identidade negra e a inserção da mulher negra no esporte constituem um marco a ser ressaltado por meio da utilização do filme “King Richard: Criando Campeãs”, acenando para a ampliação de possibilidades para legitimar a Lei n. 10.639/03 na educação básica. Dos traços e fotografias da cena cinematográfica à reflexão, ao (des)conforto, deslocamento, encontros com o pertencimento da identidade negra, a identidade da mulher, a identidade para além dos paradigmas e dos contra sentidos da sociedade marcada por conceitos e normas que buscam por vezes homogeneizar uma realidade impossível, numa sociedade na qual a diversidade de cores, culturas, credos e outras infinitudes de diferença, suscitam o enaltecer da diferença do outro como bem comum, não como distanciamento social.

A inserção desta temática nos documentos norteadores, nos conteúdos programáticos auxiliam para o ampliamto das ações do trabalho docente na constituição identitária da população negra. A representatividade da mulher negra no esporte e na retratação do filme nos direciona a retirar essas mulheres da invisibilidade, colocando-as na vitrine do esporte e reconhecimento social.

Referências

- ALMEIDA, Silva. *Racismo estrutural*. São Paulo: Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.
- ALVES, Catarina et al. Da hegemonia aos estereótipos do ser professor: os enlaces do preconceito no cotidiano formativo. *Research, Society and Development*, v. 11, n. 3, p. e35311326567-e35311326567, 2022. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/26567>. Acesso em: 15 fev. 2023.
- BRASIL. Resolução CNE/CP n. 02/2015 de 1º de julho de 2015. Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior. 2015.
- BRASIL. Resolução CNE/CES nº 6 de 18 de dezembro de 2018. Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação em Educação Física. 2018.
- BRASIL. Resolução CNE/CP nº 2 de 20 de dezembro de 2019. Diário Oficial da União, v. 1, p. 87 a 90-87 a 90, 2019.

BRASIL. Presidência da República. Lei 10.639 de 9 janeiro de 2003. Altera a Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira” e dá outras providências.

BRASIL. Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 20 dez., 1996.

BRASIL, MEC. Base nacional comum curricular. Brasília-DF: MEC, Secretaria de Educação Básica, 2017.

BRASIL. SECRETARIA ESPECIAL DE POLÍTICAS DE PROMOÇÃO DA IGUALDADE RACIAL. Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana. Ministério da Educação, Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, 2004.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. *Racismos contemporâneos*. Rio de Janeiro: Takano Editora, v. 49, p. 49-58, 2003. Disponível em:

<<https://www.patriciamagno.com.br/wp-content/uploads/2021/04/CARNEIRO-2013-Enegrecer-o-feminismo.pdf>>. Acesso em: 15 fev. 2023.

CARNEIRO, Sueli. *Escritos de uma vida*. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

COSTA, Luciana Miranda; SOUSA, Raissa Lennon Nascimento. O outro do outro: Serena Williams e a construção da imagem da mulher negra na mídia. *Aturá-Revista Pan-Amazônica de Comunicação*, v. 3, n. 1, p. 87-102, 2019. Disponível em:

<<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/atura/article/view/6660>>. Acesso em: 20 fev. 2023.

COUTO, Mia. *Venenos de Deus, remédios do diabo*. Editora Companhia das Letras, 2008.

DUARTE, Rosália. *Cinema e Educação*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

EDMONDSON, Jacqueline. *Venus and Serena Williams: A Biography*. Greenwood Publishing Group, 2005.

FELIPE, Delton Aparecido. Brasil-África: a formação docente para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana como estratégia de uma educação antirracista. *Revista eletrônica de educação*, v. 14, p. e3372087-e3372087, 2020. Disponível em:

<<https://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/3372>>. Acesso em: 15 fev. 2023.

FERNANDES, Isabel et al.. *Notandum*, n. 54, p. 1-17, 2020. Disponível em:

<<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/notandum/article/view/52799>>. Acesso em: 20 fev. 2023.

FIGUEIREDO, Zenólia Christina Campos. Experiências profissionais, identidades e formação docente em educação física. *Revista Portuguesa de Educação*, v. 23, n. 2, p. 153-171, 2010.

FLORES, P. P. O processo de identificação docente durante o estágio curricular supervisionado: em jogo no campo da educação física. 2018. 213 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação Física, Departamento de Educação Física, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2018.

GOMES, Nilma Lino. Educação e identidade negra. *Aletria: revista de estudos de literatura*,

v. 9, p. 38-47, 2002. Disponível em:

<<https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/17912>>. Acesso em: 21 fev. 2023.

KHAN, Farieda. Anyone for Tennis? Conversations with black women involved in tennis during the apartheid era. *Agenda*, v. 24, n. 85, p. 76-84, 2010. Disponível em:

<<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/10130950.2010.9676325>>. Acesso em: 21 fev. 2023.

KING RICHARD: CRIANDO CAMPÃES. Direção: Reinaldo Marcus Green. Produção Tim White; Trevor White; Will Smith. Estados Unidos: Warner Bros Pictures, 2021. 1 HBO MAX. (145 min).

MOTTA, Leda Tenório da; FUSARO, Márcia do Carmo Felismino. Cinema e Educação: reflexões e interfaces. *Comunicação & Educação*, v. 19, n. 2, p. 39-49, 2014. Disponível em:

<<https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/81276>>. Acesso em: 19 dez. 2023.

OLIVEIRA, Bianca et al. *Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança*. Editora Elefante, 2022.

PACHECO, Ana Cláudia Lemos. *Mulher negra: afetividade e solidão*. Edufba, 2013.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. *A Lei n. 10.639 na visão de Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva*. Daiane Souza. Fundação Palmares Fundação Cultural. Disponível em: <<https://www.palmares.gov.br/?p=17211>>. Acesso em 19 dez. 2023.

PIMENTA, Selma Garrido; ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos. *Docência no ensino superior*. *Docência no ensino superior*, 4. ed, 2010.

QUIJANO, Anibal. Colonialidad y modernidad/racionalidad. *Perú indígena*, v. 13, n. 29, p. 11-20, 1992. Disponível em:

<https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/6354075/mod_resource/content/1/QUIJANO_modernidade_colonialidade.pdf>. Acesso em: 19 dez. 2023.

RICHARDSON, Roberto Jarry et al. *Pesquisa social: métodos e técnicas*. São Paulo: atlas, 1985.

TROYNA, Barry; CARRINGTON, Bruce. *Education, racism and reform*. Routledge, 2012.